

Há uma característica recorrente em nossos alunos, até mesmo entre os da pós-graduação *stricto sensu*, que, podemos dizer, é o pano-de-fundo deste número temático: **a necessidade de encontrar uma práxis para a Educação Ambiental Crítica**. Curiosamente é uma característica mais forte nos alunos que trabalham com a temática ambiental e há algum tempo. Essa Educação Ambiental adjetivada pela palavra “Crítica” (que poderia ser substituída também por “transformadora”, “emancipadora”, etc.) acaba inquietando mais esses que limitaram seu ensino ambiental a propor ações higienizadoras, comportamentalistas e individuais, e indicaram como solução maior a reciclagem de lixo, o reuso dos materiais, das garrafas pet, da água, etc. do que até mesmo aqueles alunos que desconsideravam essa temática. Inquieta mais os que alcançam as teorizações sobre conceitos como “desenvolvimento sustentável”, “crédito de carbono” (*cap & trade*), preservacionismo, química verde, etc. do que aqueles que só assistiam isso de longe. E por que isso acontece? Primeiro, porque a Educação Ambiental Crítica (EA-crítica) coloca todas essas reflexões e ações como insuficientes, problematizando-as e, por muitas vezes, atrelando-as a uma Educação Ambiental Conservadora (EA-conservadora). Fica muito difícil para um Educador Ambiental ver sua prática questionada e ainda mais colocada como conservadora.

Segundo, é por ver que a EA-crítica não propõe imediatamente nenhuma nova prática, nenhum novo rol de ações, nenhuma meta definitiva, apesar de ter um horizonte. Desse modo, alguns Educadores tradicionais para salvaguardarem suas mentes tendem a se opor aos Educadores críticos; ora porque só os reconhecem fazendo “a crítica pela crítica”, como não-propositivos que não apontam caminhos; ora porque se incomodam com essa flexibilidade de ação e com essa teorização fluída e inquieta. Na verdade, resistem a duas características da Dialética: a contraposição e o movimento. E possuem a “práxis” como jargão, mas não a realizam no sentido mais básico: “como prática refletida”.

Terceiro, é por ter desconstruída a Educação como panaceia para a Questão Ambiental. É muito comum ter entre educadores tradicionais a compreensão de que educar é simplesmente preencher lacunas, como se fosse apenas uma luta contra a ignorância. Nessa visão incipiente de Educação, bastaria a sua entrada para obtermos as mudanças necessárias que a sociedade tanto almeja. Contra essa perspectiva romântica nem serão necessários argumentos filosóficos, antropológicos, linguísticos ou estéticos, bastam os questionamentos materialistas. Como explicar que o aumento da “consciência ambiental” e a maior presença da educação ambiental formal não provoquem menos degradação e depredação do meio ambiente? Como manter propósitos tão antagônicos, como desenvolvimentismo e sustentabilidade, sem camuflar as contradições? Como ficar somente na mitigação dos resíduos, sem questionar o consumismo? Neste momento, retomemos a compreensão popular: “o pior cego é aquele que não quer ver”. Nada mais materialista!

Quarto, é por ter que acatar uma condição indispensável à EA-crítica, de que ela é também uma Educação Política. A EA-crítica não prescinde da política, resgata o *zoon politikon*, a condição humana presente em nossa sociabilidade, em nossa forma de viver em grupo. Isso significa dizer mais do que “todos precisam fazer sua parte”, mais do que propor equidade nas ações individuais para “salvar Gaia”, apontar que a responsabilização é diferenciada em relação ao problema ambiental e o mais grave: a experimentação de suas mazelas é profundamente desigual. Há uma Educação alienante que quer esconder isso, desconstruí-la pode ser o objetivo mais importante, até mais do que indicar uma “práxis” para a EA-crítica.

Em linhas gerais, muito disso que colocamos acima, com suas profícuas variações, encontraremos nesta edição temática sobre a Educação Ambiental da Revista *Ciências e Ideias*. Vale ressaltar que esta edição é, antes de tudo, fruto de uma pesquisa e de uma dissertação de mestrado intitulada: “Em Busca de uma Práxis em Educação Ambiental Crítica: Contribuições de alguns pesquisadores do Brasil” da professora de Biologia Bárbara de Castro Dias. Por conta desse estudo, trouxemos seis entrevistas com seis professores-pesquisadores sobre a Educação Ambiental, exatamente para pensar a *práxis*. E aqui estão entrevistados: Philippe Pomier Layrargues, Mauro Guimarães, Victor Novicki, Gustavo Ferreira da Costa Lima, CARLOS FREDERICO BERNARDO LOUREIRO e Michèle Sato. Esta edição inicia com o artigo “Uma metodologia em busca de

uma *práxis crítica*” que vem exatamente contar como foi construída a metodologia, os caminhos, para a construção de estudo através dessas entrevistas. Por fim, terminamos esta edição temática com três trabalhos que tratam especificamente da questão ambiental dentro da educação formal: “Avaliação da qualidade de sacolas plásticas: uma proposta para a educação ambiental no ensino fundamental”, “Práticas corporais e educação ambiental crítica: possíveis intervenções no cotidiano escolar” e “A contribuição de oficinas temáticas ambientais na formação inicial de alunos do Curso Normal Médio”.

Esse percurso talvez tenha servido para demonstrar que a EA-crítica não se opõe às propostas legítimas dos espaços educativos (como a coleta seletiva de lixo, reeducação sobre o uso da água, manejos ambientais, replantio, hortas orgânicas, etc.), muito pelo contrário, mas se opõe sim e muito à EA-conservadora que indica essas propostas como “pontos de chegada”, quando na verdade são “pontos de partida” para se enxergar problemas bem mais estruturais de nossa atual sociedade.

Por fim, vale um agradecimento especial à professora doutora Magda Pereira Pinto pela última revisão das entrevistas.

Alexandre Maia do Bomfim é...

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1996), mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2001) e doutorado em Ciências Humanas-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2007). Atualmente é PROFESSOR ADJUNTO IV DE ENSINO SUPERIOR em SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ. Pesquisa na área de Trabalho e Educação, Educação Ambiental. Parecerista de inúmeras revistas em Educação, Educação em Ciências e Educação Ambiental. Vice-coordenador do Mestrado Acadêmico, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências - PROPEC. Membro do Conselho Acadêmico de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação. Editor da Revista Ciências e Ideias.